bando

the ravenhood – livro um

kate stewart

Tradução de Teresa Martins de Carvalho

CHÁ DAS CINCO
Livros com sexto sentido

Este é para o meu irmão, Tommy, que corajosamente chama as coisas pelos nomes, ande com quem andar. Obrigada por me ensinares que tudo bem em duvidar, mas não nisso cismar. Todo o meu amor e respeito, maninho.

«Existe uma lenda acerca de um pássaro que canta apenas uma vez na sua vida, mais docemente que qualquer outra criatura à face da Terra. Desde o momento em que deixa o ninho, busca uma árvore espinhosa e não descansa até uma encontrar. Então, cantando entre os galhos selvagens, empala-se no mais longo e afiado espinho. E, moribundo, sublima a própria agonia para superar o trinado da cotovia e do rouxinol. Um canto superlativo, o seu preço a existência. Mas o mundo inteiro aquieta-se para escutá-lo, e Deus sorri no Céu. Pois o melhor só se adquire à custa de muita dor... Ou assim diz a lenda.»

— Colleen McCullough, *Pássaros Feridos*

Prólogo

CRESCI DOENTE.

Deixem-me clarificar. Cresci a acreditar que as verdadeiras histórias de amor incluem um mártir ou exigem grande sacrifício para serem meritórias.

Os meus livros favoritos, canções de amor, filmes, aqueles que comigo ressoaram, deixaram-me angustiada muito depois de ter virado a última página, as notas se terem esbatido, ou os créditos passado.

Por causa disso, nisso acreditei, porque me *fiz* acreditar, e desenvolvi o mais masoquista dos corações românticos, o que resultou na minha enfermidade.

Quando vivi esta história, o meu próprio retorcido conto de fadas, isso era do meu desconhecimento na altura porque eu era jovem e ingénua. Cedi à tentação e alimentei essa fera raivosa, que mais sedenta se tornou a cada incisão, cada pancada, cada golpe.

É essa a novidade da ficção *versus* realidade. Não se pode reviver a própria história de amor porque, quando finalmente se tem noção de que se está a vivê-la, ela acabou. Pelo menos foi esse o caso para mim.

Todos estes anos depois, estou convencida de que intentei a minha história à existência devido à minha enfermidade.

E *todos* foram punidos.

É por isso que aqui estou, para alimentar, para chorar, e porventura sanar a minha doença. Foi aqui que ela começou e é aqui que tenho de a terminar.

É uma vila fantasma, este lugar que me assombra, este lugar que me fez. A poucas semanas do meu décimo nono aniversário, a minha mãe

enviara-me para ir viver com o meu pai, um homem com quem antes apenas passara alguns verões quando era mais nova. À chegada, depressa descobri que a sua postura não mudara quanto à obrigação biológica, e que era pródigo nas mesmas regras de quando eu era pequena — raramente ser visto e jamais ouvido. Eu deveria ater-me à mais estrita moral e distinguir-me na escola, simultaneamente pondo em prática o seu modo de vida.

Nos meses que se seguiram, prisioneira do seu reino, fiz naturalmente o oposto, arruinando-me, e, ainda mais, maculando o seu nome.

Nessa altura, tinha zero arrependimento, pelo menos no que tocava ao meu pai até ser forçada a lidar com o rescaldo.

Agora aos vinte e seis anos, vivo nele ainda.

É claro para mim que jamais superarei Triple Falls ou sobreviverei ao tempo que ali passei. Após anos a combatê-lo, esta foi a conclusão a que cheguei. Sou uma pessoa diferente agora, mas era-o antes de partir também. Quando tudo aconteceu, estava determinada a nunca mais regressar. Mas a enfurecedora verdade que descobri é que jamais serei capaz de seguir em frente. Foi essa a razão de ter voltado. Fazer as pazes com o meu destino.

Já não posso descartar a gananciosa exigência da veia que me bate no peito ou o azucrinar do meu subconsciente. Jamais conseguirei ser uma mulher capaz de deixar ir, de deixar o passado no seu lugar, por mais que o queira.

Calcorreando o meu percurso através das ruas ventosas, abro a janela, acolhendo de bom grado o frio. Preciso de me entorpecer. Desde que me fiz à estrada, a minha mente tem sido um desbobinar de memórias que desesperadamente tento suprimir nas horas de vigília desde que fugi.

São os meus sonhos que recusam libertar-me, os meus sonhos que mantêm a guerra que me assola a cabeça, a perda que me dilacera o coração, forçando-me a reviver as partes mais duras, uma e outra e outra vez num círculo agonizante.

Durante anos, tentei convencer-me de que existe vida após o amor.

E talvez exista, para os outros, mas a vida não tem tido essa gentileza comigo.

Fartei-me de fazer de conta que não deixei a maior parte de mim entre estas colinas e vales, entre o mar de árvores que alberga os meus segredos.

Mesmo com a fria vergastada do vento no meu rosto, ainda consigo sentir a calidez do sol na pele. Consigo pressentir ainda o seu vulto a bloquear a luz, sentir o formigar de certeza da primeira vez que ele me tocou, e a pele arrepiada que esse toque deixou no seu rasto.

Consigo ainda senti-los a todos, os meus rapazes do verão.

Todos nós somos culpados do que aconteceu — todos nós cumprindo as nossas penas. Fomos descuidados e temerários, achando que a nossa juventude nos tornava indestrutíveis, eximidos dos nossos pecados, e pagamos por isso.

A neve esvoaça contra o para-brisas numa queda vagarosa, empoando as árvores e cobrindo o terreno circundante quando saio da via rápida. O ressoar dos pneus na gravilha faz o meu coração martelar-me na garganta, e as mãos desatam-me a tremer. Varro a infinidade de sempre-vivas que ladeiam a estrada enquanto me tento convencer de que enfrentar o meu passado de caras é o primeiro passo para confrontar o que há anos me assola. Tudo o que me resta é residir na prisão que construí. É a verdade que estou determinada a encarar que é por demais definitiva, por demais devastadora.

A maioria das pessoas considera uma bênção conhecer um amor que tudo consome, mas eu considero-o uma maldição. Uma maldição que jamais serei capaz de levantar. Jamais tornarei a conhecer amor como aqui conheci há tantos anos. E não quero. Não posso. Ainda estou doente dele.

Não há nenhuma dúvida na minha mente de que, para mim, foi amor.

Que outra atração poderia ser tão forte? Que outro sentimento poderia viciar-me ao ponto da insanidade? De fazer as coisas que fiz e viver com estas memórias dentro desta história de fantasmas.

Mesmo quando pressenti o perigo, deixei-me ir.

Não acatei um só aviso. Tornei-me voluntariamente cativa. Deixei o amor reger-me e arruinar-me. Desempenhei o meu papel, de olhos bem abertos, tentando o destino até ele se concretizar.

Jamais iria haver um escape.

Parada no primeiro semáforo na periferia da vila, deixo cair a cabeça contra o volante e inalo respirações calmantes, odiando o facto de ser ainda tão impotente face às emoções que esta viagem despertou dentro de mim, mesmo sendo a mulher em que me tornei.

Exalando, olho de relance para a mala que atirei para o banco de trás após a minha decisão umas horas atrás. Sinto com o polegar o meu anel de noivado, rodando-o no dedo enquanto mais uma punhalada de culpa me trespassa. Qualquer esperança do futuro que passei anos a acalentar se perdeu no minuto em que terminei a minha relação. Ele recusou-se a aceitar o anel de volta, e eu ainda tenho de o tirar. Sinto-o pesado, uma mentira no

meu dedo. O tempo que aqui passei antes provocou outra vítima, uma de muitas.

Estava noiva de um homem capaz de manter os seus votos, um homem digno de comprometimento, de amor incondicional — um homem leal de coração firme e espírito caloroso. E, com ele, eu nunca fui justa. Nunca conseguiria amá-lo como uma esposa deveria amar o marido.

Ele era uma consolação, e aceitar o seu pedido significava acomodar-me. Um olhar ao seu rosto quando cancelei as nossas iminentes núpcias deu-me a saber que o destruíra com a verdade.

A verdade de que pertenço a outro. De que seja o que for que resta do meu coração, corpo e alma, pertence a um homem que nada quer ter que ver comigo.

Foi a agonia no rosto do meu noivo que me ajudou a chegar ao ponto de rutura. Ele dera-me o seu amor, a sua devoção, e eu deitara-os fora. Fizera com ele o que fora feito comigo. Desobedecer ao meu coração, ao meu senhor e monstro, custara-me Collin.

Minutos depois de nos ter libertado a ambos, fiz uma mala e parti em busca de mais punição. Conduzi sem parar noite fora, sabendo que o tempo não era relevante, que não importa. Ninguém está à minha espera.

Bem mais de seis anos se passaram, e estou de volta à estaca zero, de volta à vida da qual fugi, os meus sentimentos cada vez mais desenfreados à medida que raciocino de mim para mim que deixar Collin não foi um erro, mas um mal necessário para o libertar das mentiras que eu contei. Estivera mal com ele fazendo promessas que jamais poderia cumprir, e nem pensar em fazer mais, de amar e cuidar na saúde e na doença pois eu não revelara até que ponto sou doente.

Nunca lhe contei como me permiti ser usada, saqueada, e por vezes degradada ao ponto da depravação… e que adorara cada instante disso. Nunca contei ao meu noivo como sangrara o meu coração — o matara à fome — até ele não ter outra escolha senão bater num ritmo distinto que só se equiparava à batida de um outro. Ao fazê-lo, sabotara as minhas hipóteses de reconhecer e aceitar a espécie de amor que cura, em vez de magoar. O único amor que jamais conheci ou por que ansiei é da espécie que me mantém doente, doente de ânsia, doente de lascívia, doente de necessidade, doente de desgosto. Da distorcida espécie que deixa cicatrizes e corações gastos.

Se não conseguir fazer o luto bastante para me curar no meu tempo aqui, permanecerei doente. Será a minha maldição.

Poderá nunca haver um felizes para sempre para mim pois abdiquei da

minha oportunidade ao sintonizar-me com as partes sombrias. Acostumada devido ao ano em que libertei as minhas inibições, reagindo à rejeição e dor e perdendo todo o sentido moral de mim.

Estas são coisas que não se dizem em voz alta. Este é o tipo de confissões a que as mulheres que inspiram respeito jamais deverão supostamente dar voz. Nunca, jamais.

Mas é altura de confessar, mais a mim própria que a qualquer outro, que eu entravara a minha oportunidade de uma relação normal e saudável devido ao modo como fui moldada, e devido aos homens que me moldaram.

Neste ponto, já só quero fazer as pazes com quem sou, independentemente do fim que venha a ter.

A parte mais dura de tudo isto não é o noivo cujo coração parti. É o conhecimento de que o primeiro e único homem a quem o meu coração foi fiel, jamais o terei.

Sinto-me submergir de ansiedade à medida que mais memórias vêm à tona. Ainda consigo sentir-lhe o cheiro, a sua tumescência dentro de mim, a gota de sal no seu sémen, ver a saciedade nos seus olhos velados. Ainda consigo sentir o inconfundível frenesim dos olhares que trocávamos, ouvir o troar do seu riso sombrio, sentir a plenitude do seu toque.

Quanto mais me aproximo, mais memórias se vêm abater sobre mim. A minha resolução de enfrentar o que me assombra, começando a ceder pedaço a recortado pedaço. Porque tenho uma ideia de como o verdadeiro fim será, e já não lhe posso escapar.

Poderá não haver qualquer cura, qualquer seguir em frente, mas é tempo de lidar com coisas inacabadas.

Que comece a caça aos fantasmas.

PRIMEIRA
PARTE

ENTÃO

Capítulo

UM

ENCOSTANDO AOS MACIÇOS portões de ferro, digito o código que Roman me deu e abro a boca ante a extensa propriedade que se apresenta quando os transponho. Hectares e hectares de relva verde-néon pejada de árvores rodeiam a maciça casa à distância. Quanto mais me aproximo, mais forasteira me sinto. À esquerda deste palácio, encontra-se uma garagem de quatro lugares — que passo adiante —, escolhendo estacionar no caminho circular na base do pórtico. Saindo do carro, estico as pernas. A viagem não foi longa, mas os meus membros foram ficando mais pesados a cada quilómetro que galgava. Embora a casa seja impressionante, dá-me mais a sensação de uma prisão, e hoje é o primeiro dia da minha pena.

Abrindo a bagageira, recolho umas quantas malas e subo as escadas, varrendo com os olhos a imaculada entrada. Nada neste lugar é convidativo, à parte a terra em que se encontra, e tudo nele tresanda a dinheiro.

Fechando com o pé a porta atrás de mim, relanceio o átrio em meu redor onde uma solitária mesa jaz com uma grande jarra vazia que estou certa custa mais que o meu carro. Há uma grandiosa escadaria à minha direita e, à minha esquerda, uma formal sala de jantar. Decidindo saltar a visita autoguiada, aninho o telefone no ombro enquanto alombo com as malas para o andar de cima. Ela atende ao segundo toque.

— Ei, miúda, consegui.

— Que treta esta — saúda Christy quando entro na minha designada cela e olho à minha volta. Lá dentro jaz uma austera cama branca de quatro colunas que o meu pai mandara entregar, com um roupeiro a condizer,

cómoda e toucador. É de um gosto majestoso, branco imaculado, e nada de todo como eu, o que não é de admirar. Ele não me conhece.

— É só até ao próximo outono.

— É um ano, Cecelia*, um ano.* Acabámos o secundário. Este é o nosso último verão antes de a universidade começar, e a tua mãe decide tirar tempo para *si*?

Não é a verdade toda, mas deixo-a acreditar pela minha mãe, pois eu própria ainda não consigo explicá-lo. A triste verdade é que a minha mãe teve um esgotamento de proporções épicas que a levou a perder o emprego e a esmifrar-se para pagar contas a que não se podia já dar ao luxo. O namorado ofereceu-se para ela ir viver com ele, a palavra-chave sendo *ela*, não a sua filha bastarda. A minha mãe e eu sempre fomos chegadas, mas nem eu a reconheço já. Apesar dos meus melhores esforços para ser uma boa menina, ela recolheu-se dentro de si própria há uns meses, bebendo *White Russians* dia e noite semanas a fio, até que deixou de sair da cama. Simplesmente abandonara-me na sua demanda de um atordoamento diário. Embora eu tentasse, e desesperadamente a pressionasse por razoabilidade e respostas que ela se recusava a dar, não fazia ideia de como ajudá-la, pelo que não a desgostei quanto a considerar os propostos e condicionais planos de vida do meu pai.

Vê-la soçobrar daquela maneira foi aterrorizador, e, no estado dela, não quis que continuasse sozinha, especialmente após tantos anos como mãe solteira. Quando os tempos se tornaram desesperados, pedi ao meu pai que prolongasse a pensão alimentícia — apenas temporariamente — para ela se aguentar financeiramente, ainda que o dinheiro que ele enviava mensalmente sem falha fosse uma gota de água para ele — o custo de um dos seus fatos feitos por medida. Ele recusou, e pouco antes de me graduar, assinou o seu último cheque, o ato fazendo-o parecer mais um remate de pagamento por serviços prestados, como se ela tivesse sido sua empregada.

Nem nos meus mais desvairados sonhos consigo descortinar como chegaram a ser um casal, ou como poderiam ter sido os dois a conceber-me, já que eram duas pessoas a quem não caberia procriar. São opostos universais. A minha mãe é… ou era até recentemente, um espírito livre com uma data de vícios. O meu pai é um conservador com língua crítica e militante autodisciplina. Pelo que me lembro, a sua agenda é certa como um relógio e raramente muda. Acorda, faz exercício, come metade de uma toranja e depois vai trabalhar até o Sol se pôr. A sua única indulgência quando eu era mais nova eram alguns copos de *gin* após um longo dia de trabalho. É toda

a informação privada que tenho, dada a sua discrição. O resto posso procurar *online*. Possui uma companhia listada na Fortune 500 que começou por ser de químicos e agora fabrica eletrónica. O seu arranha-céus fica a pouco mais de uma hora de distância em Charlotte, a sua principal unidade fabril aqui em Triple Falls. Estou certa de que a construiu aqui por aqui ter crescido, e tenho zero dúvidas de que se deleita em esfregar o seu sucesso nos narizes dos seus antigos colegas de escola, alguns dos quais agora trabalham para ele.

Eu serei mais uma empregada sua a partir de amanhã. Não sou nenhuma menina rica, pelo menos foi esse o caso nos anos que passei com a mamã na nossa casa de renda acessível. No meu vigésimo aniversário, irei herdar uma boa quantidade de ações da companhia a par de uma maquia avultada, e sei que o calendário é propositado porque ele nunca quis a minha mãe nem perto da sua fortuna. O rancor que nutre por ela é claro nesse sentido. A juntar ao facto de ele ter dado o mínimo ao longo dos anos, manter a mamã no seu devido lugar na sua cadeia alimentar torna fácil ver que não lhe restam quaisquer sentimentos por ela.

Por um breve tempo, vivi de ambos os lados da pobreza devido aos seus estilos diferentes como o dia e a noite, e para fazer contrariar os seus desejos, tomarei as ações e o dinheiro e irei contra todo e cada um deles. No momento em que me for possível, a minha mãe nunca mais trabalhará. Qualquer sucesso que venha a ter, estou determinada a conquistá-lo por mim, mas foi o medo de fracassar, a par da possibilidade de que apostar em mim em última análise lhe custasse a *ela*, que me trouxe aqui. No entanto, a fim de levar a cabo o meu plano, tenho de jogar com o dele, e isso inclui ser «suficientemente agradecida e respeitadora para aprender o negócio, mesmo que seja de baixo».

A parte mais difícil disso será ter tento na língua e silenciar o meu ressentimento, que é fulcral já que ele nos poderia ter poupado a ambos um constrangedor ano juntos se simplesmente tivesse a porra de um coração para com a mulher que fez o seu trabalho e o dele comigo.

Eu não odeio exatamente o meu pai, mas não o compreendo nem à sua crueldade desprovida de remorso, e jamais compreenderei. Não estou a fim de passar o próximo ano a tentar percebê-lo. Qualquer comunicação da sua parte pareceu sempre perentória e forçada. Ele sempre foi um provedor monetário, não um pai. Respeito a sua ética de trabalho e sucesso mas tenho zero entendimento quanto aos porquês da sua falta de empatia e à glacialidade da sua frígida personalidade.

— Irei a casa sempre que puder — digo a Christy, incerta de poder fazer disso uma promessa devido aos meus horários.

— Eu irei aí também.

Abrindo a gaveta de cima da cómoda, atiro para lá um monte de meias e roupa interior. — Vamos ver como é que o Adolf se sente quanto a ocupares um quarto de hóspedes antes de te fazeres à estrada, *okay*?

— Eu pago um quarto de hotel com o cartão da minha mãe. Que se foda o teu pai.

Rio-me, e soa estranho no quarto descomunal. — Hoje não estás mesmo com paciência para os meus pais.

— Adoro a tua mãe, mas não percebo. Talvez esteja a precisar de aparecer e ir vê-la.

— Ela foi viver com o Timothy.

— A sério? Quando?

— Ontem. Dá-lhe só tempo para se instalar.

— *Okay*… — Faz uma pausa. — Porque é que só agora é que estou a ouvir isto? Eu sabia que as coisas estavam a ficar más, mas o que se passa afinal?

— Honestamente, não sei. — Suspiro, cedendo ao ressentimento que começo a sentir. Não é coisa minha esconder seja o que for de Christy. — Passa-se alguma coisa com ela. O Timothy é um tipo decente, e eu confio nele com ela.

— Mas não te aceitou na sua casa.

— Para ser justa, sou adulta, e ele não tem propriamente espaço.

— Ainda quero saber porque está ela pelos ajustes em deixar-te viver com o teu pai *agora*.

— Eu contei-te, tenho de trabalhar na fábrica durante um ano para a deixar estabelecida. Não me quero preocupar com ela quando estiver na faculdade.

— Não te compete a ti.

— Eu sei.

— Não és tu a mãe.

— Sabemos ambas que sou. E reataremos os nossos planos no minuto em que estiver de volta.

Foi uma surpresa para mim o meu pai concordar em deixar-me frequentar a faculdade comunitária aqui um par de semestres, em vez de me fazer tirar um ano sabático para ingressar um ano atrasada numa faculdade mais aceitável. A massa é dele, e é ele a única fonte do meu fundo

universitário, pelo que essa vitória durante as negociações me deu a saber que ele queria levar a sua avante o suficiente para fazer uma concessão — um desvio da sua personalidade controladora.

Olho para o quarto à minha volta. — Não passei mais de um dia com ele ou o verão aqui desde os meus onze anos.

— Porquê?

— Havia sempre alguma coisa. Ele alegava que eram viagens ao estrangeiro e expansão que o impediam de poder ter-me a seu cargo durante semanas ou meses a fio. A verdade é que passei a ter o período, mamas e atitude, e ele não soube lidar com isso. Acho que não há nada que o Roman mais tema do que ser um pai a sério.

— É estranho chamares o teu pai pelo primeiro nome.

— Não na sua cara. Quando aqui estou, é «senhor».

— Nunca falas dele.

— Porque não o conheço.

— Então, quando inicias o trabalho?

— Os meus turnos serão das três às onze, mas amanhã tenho orientação.

— Liga-me quando te despachares. Agora deixo-te desfazer as malas.

Atinge-me, quando nos calamos, que ficarei entregue ao silêncio do quarto, da casa, e completamente só. Roman não teve sequer a decência de me receber e ver aqui instalada.

— Cee? — A voz de Christy soa tão incerta quanto eu me sinto.

— Uh, merda. *Okay*, estou a senti-lo agora. — Abro as portas francesas que dão para a minha varanda privada e fito a imaculada propriedade. À distância nada mais há exceto uma manta de relva verdíssima cortada num padrão diagonal, mais além uma floresta cerrada que rodeia uma torre de telecomunicações. Mais perto da casa há um jardim bem cuidado que grita opulência sulista. Várias treliças de glicínias formam dosséis que cobrem fontes esculturais. Sebes de madressilva aparada escorrem por sobre uma ou outra vedação. A fragrância de flores variadas chega-me ao nariz com uma brisa que sussurradamente me dá as boas-vindas. Assentos faustosos encontram-se estrategicamente colocados através do jardim bem tratado, que eu decido será o meu recanto de leitura. A grande e cintilante piscina parece convidativa, especialmente devido ao primeiro calor estival, mas eu sinto-me demasiado pouco à vontade como nova residente do palácio para pensar nela para uso pessoal. — Deus, que coisa mais estranha.

— Tu consegues.

O tom nervoso dela é desconcertante, e estamos ambas incertas neste ponto, o que me instila ainda mais medo.

— Espero que sim.

— Um pouco mais de um ano e estarás em casa. Tens quase dezanove anos, Cee, se odiares isso, *podes* vir-te embora.

— Certo. — É a verdade, mas o meu acordo com Roman é uma coisa diferente. Se voltar atrás quanto a servir o meu tempo na fábrica, perco uma fortuna, uma fortuna que poderia eliminar a dívida da minha mãe e estabelecê-la confortavelmente para o resto da sua vida. Não posso — não quero — fazer-lhe isso. Ela trabalhou como uma louca para me criar.

Christy lê a minha hesitação.

— Isso não te compete a ti. Era trabalho dela criar-te, Cee. É a obrigação de uma figura *parental*, que tu jamais deverias sentir-te obrigada a retribuir.

É verdade, e eu sei-o, mas ao inspecionar o palácio sem vida de Roman, dou comigo a sentir a falta dela mais do que nunca. Talvez seja o distanciamento e tratamento por parte do meu pai que me faz sentir tanta gratidão por ela. Seja como for, quero olhar por ela. — Eu sei que a minha mãe me adora — digo mais para mim própria do que para Christy. O recolhimento da minha mãe, da vida, de *mim*, após tantos anos juntas foi uma cruel e confusa surpresa.

— Bem, eu por mim não te censuraria se te libertasses. Adoro a tua mãe e tudo isso, mas ambos parecem imprestáveis neste ponto.

— O Roman é tolerável, rigoroso, mas conseguimos lidar um com o outro durante alguns verões. Bem, conseguimos evitar-nos um ao outro durante alguns verões. Não procuro criar laços, apenas sobreviver. Este lugar é… frio.

— Nunca aí estiveste?

— Não, nesta casa não. Ele só a construiu depois de eu deixar de vir passar o verão. Acho que ele vive maioritariamente no condomínio em Charlotte. — Em frente da porta do meu quarto, a uns passos de distância, encontra-se outro. Abro-o, aliviada ao ver que é um quarto de hóspedes. À minha esquerda no cimo das escadas, há um mezanino que dá para o átrio no piso térreo e conduz a um longo corredor com mais portas fechadas. — Vai ser como viver num museu.

— Odeio isto. — Ela deixa escapar um suspiro, que mais parece um gemido, e posso sentir o seu azedume. Somos amigas desde o preparatório e não nos separámos um dia desde que nos conhecemos. Eu não sei como

fazer pela vida sem ela, e, muito francamente, não quero fazê-lo. Mas pelo bem-estar da minha mãe, fá-lo-ei. Um pouco mais de um ano numa sonolenta vila aninhada no meio das Montanhas Blue Ridge e estarei livre. Só posso esperar que o tempo voe.

— Trata de arranjar uma distração. De preferência com um pénis.

— É essa a tua solução? — Faço o caminho de volta para o meu quarto e lá para fora para a varanda.

— Perceberias se desses só *uma* durante o dia.

— Já o fiz, e tu viste o resultado que deu.

— Esses eram rapazes, encontra um *homem*. Espera só, miúda. Vais arrasar essa vila quando olharem para ti.

— Neste momento não me podia estar mais a cagar. — Fito a espetacular vista das montanhas mesmo além da floresta privada. — Estou oficialmente a viver no lado oposto da moeda. Isto é tão estranho.

— Bem posso imaginar. Queixo para cima. Liga-me depois da orientação amanhã.

— Bjinho.

— Adoro-te.

Capítulo

DOIS

PRAGUEJANDO COMO UM MARINHEIRO, estaciono na última fila na fábrica e abro rapidamente caminho por um mar de carros para o átrio. A última coisa de que preciso é de um sermão por falta de pontualidade após um sensaborão e aborrecido jantar com o meu pai a noite passada. Essa mais ou menos meia hora que fui forçada a passar sob um escrutínio de olhos de lince foi o bastante para me deixar grata pelo meu novo horário, em que me encontrarei a trabalhar a maior parte das noites. O calor do Sol desaparece no momento em que abro as portas de vidro. O edifício em si parece antigo. Embora polido, o chão de ladrilhos está rachado e a descascar após décadas de uso. Há um grande feto num vaso no meio do átrio que dá um arremedo de vida ao interior, mas após mais apurada inspeção, constato ser falso e estar pejado de teias de aranha. Um solitário segurança que parece ter passado o seu apogeu está ociosamente postado enquanto uma mulher bem vestida de alguma idade com argutos olhos cinzentos me saúda de trás de uma receção.

— Olá, sou Cecelia Horner. Vim para a orientação.

— Bem sei, Menina Horner, última porta à esquerda — replica ela, os olhos avaliando-me o vestido ao apontar-me para um longo corredor. Dispensada, encaminho-me, passo por alguns gabinetes vazios e esgueiro-me mesmo a tempo por uma mulher que segura a porta para a última dos recém-chegados. Saúda-me com um sorriso caloroso — o único calor dentro do edifício, ao que parece — enquanto eu tremo arrepiada da frígida atmosfera interior. Ela manda-me preencher um crachá com o nome, e eu assim faço, pregando-o no vestido de verão que optei por usar hoje antes de

me ter de enfiar no desgracioso uniforme que me espera no meu roupeiro. Sinto os olhares pesados dos que já se encontram sentados e escolho a secretária vaga mais próxima.

A sala está escura, a única luz proveniente de um ecrã de projeção que diz «Bem-vindos» em letras gordas com o logotipo da companhia Horner Technologies a toda a largura na base.

Nunca me orgulhei do meu último nome. Tanto quanto me é dado dizer, fui um derramar de Roman há anos que ele teve dinheiro suficiente para limpar. Não tenho quaisquer ilusões de alguma vez virmos a ser chegados. Ele não olha para mim com a mesma cruel indiferença com que olha para a minha mãe, pelo que me foi dado perceber nos poucos encontros que testemunhei, mas sou definitivamente uma consideração *a posteriori.*

O jantar na noite passada foi constrangedor para dizer o mínimo, a nossa conversação forçada. Hoje estou aqui a acatar a sua ordem. Mais uma formiga trabalhadora a acrescentar à sua fazenda industrial. É como se isto fosse uma qualquer tentativa de me dar uma lição de vida de que o trabalho árduo compensa, mas isso não me é coisa estranha. Sustento-me desde que sou capaz de trabalhar, comprei o meu primeiro carro e paguei as despesas de seguros equilibrando o meu próprio talão de cheques. Nada tenho a aprender dele, isso sei eu. Poucas dúvidas tenho de que quanto mais tempo aceder às suas exigências e concordar com os seus planos para mim, mais o meu ressentimento crescerá.

Isto é pela mamã.

A mulher que me recebeu à porta dirige-se para a frente da sala e sorri. — Ao que parece, estamos quase todos, vamos começar. Sou a Jackie Brown, sim, como a do filme — nenhum de nós se ri — e trabalho na Horner Tech há oito anos. Sou a diretora de Recursos Humanos, e sinto-me entusiasmada por vos acolher na orientação. Num esforço para ficar a conhecer toda a gente, gostaria muito que cada um se levantasse e se apresentasse brevemente.

Eu estou no primeiro lugar da frente, e ela assente para mim. Levanto-me, relutante, não me dignando a encarar o resto da sala e falo diretamente para ela. — Sou a Cecelia, *não* como a da canção. Sou nova por aqui. Trato já de esclarecer as coisas e dar-vos a saber que o meu pai é dono disto, mas eu não quero tratamento especial. E prometo não me chibar se fizerem uma pausa extra para um cigarro ou desfrutarem de uma tarde de prazer na casa de arrumos do zelador.

A minha apresentação não cai bem a Jackie Brown que se queda

boquiaberta para mim, enquanto uma gargalhadinha soa nas minhas costas. Tornando a sentar-me, amaldiçoo a minha incapacidade de ultrapassar os primeiros minutos da orientação sem que o meu rancor levantasse a cabeça. Deveria saber o suficiente para não cutucar o urso no meu primeiro dia e não tenho dúvidas de que o meu pai irá saber disto. Mas para além da inevitável repercussão, é-me difícil lamentá-lo. Recordo-me pela centésima vez de que isto é pela mamã e faço votos de controlar a minha atitude, pelo menos até o meu período experimental acabar.

— A seguir, você, aí atrás.

Com o movimento atrás de mim, capto uma lufada de cedro antes de ele falar. — Sean, sem qualquer relação com o homem lá de cima, e esta é a segunda vez que trabalho na Horner Tech. Saí por um curto período. E muito apreciaria uma tarde de prazer na casa de arrumos do zelador. — Uma risada abafada soa através da sala enquanto o primeiro sorriso de que sou capaz há dias se espalha pelo meu rosto.

Viro-me ligeiramente na cadeira e olho por sobre o ombro para dar com uns divertidos olhos cor de avelã. O olhar com que ele me percorre deixa-me a pele a formigar de consciência. A uns passos de distância, na luz difusa, sou capaz de apreciar o sedutor contorno das suas feições a par da sua incrível constituição, a *t-shirt* bem esticada sobre os peitorais e umas calças de ganga escura bem justas antes de ele se voltar a sentar. Trocamos um curto jogo de olhares em que eu aguento uns segundos além do ponto de constrangimento até me tornar a voltar de frente para Jackie Brown.

— Bem-vindo de volta, Sean. Abstenhamo-nos de tecer mais comentários desses, pode ser?

É-me necessário um grande esforço para ocultar o meu sorriso rasgado, e ainda posso sentir o olhar dele em mim à medida que, um a um, todos na sala se levantam para se apresentarem.

Talvez isto não seja uma seca tão grande, afinal de contas.

Capítulo

TRÊS

— EI, ESCAPADINHA DA TARDE! — Uma risada divertida soa atrás de mim ao atravessar o parque de estacionamento. — Espera aí!

De sobrolho franzido, viro-me para dar com Sean a avançar descontraído na minha direção entre uma fiada de carros. Com as mãos nas ancas, fito-o enquanto se aproxima, e depois sou forçada a levantar os olhos para ele quando se acerca devido à nossa diferença de alturas.

À luz cintilante do dia, ele é de longe mais impressionante do que lhe dei originalmente crédito, e tenho o cuidado de controlar o meu embasbacamento. A sua aparência é um — paralisante — cabelo em dois tons de louro sujo e platina, pele encharcada de sol, constituição insana e olhos de avelã com indeciso domínio, e um nariz forte com um ligeiro alto na cana a terminar num perfeito dilatar de narinas. E a sua boca, a sua boca é bastante por si só para manter ocupados os meus olhos sedentos. A língua dardeja para fora, deslizando contra a argola presa ao canto, exibindo o lábio superior bem cheio. O seu olhar reluz sobre mim, a par de um sorriso que se abre rasgado à medida que eu me sacio e salto então para a maçã de adão, os ombros largos, e mais abaixo, e mais abaixo. Uma grande tatuagem cobre a maior parte do seu braço esquerdo, a ponta negra retinta de uma asa emplumada que começa mesmo acima do cotovelo e parece acabar na base do pescoço.

— Não é esse o meu nome.

— Desculpa — um lampejo de dentes —, não consegui resistir.

— Tente com mais força.

A sua risada percorre-me a pele de frémito. — Fá-lo-ei. Grande bravura há bocado.

— Pois, bem, não estou ansiosa pelo emprego. É uma condição da minha sentença.

Ele franze o sobrolho. — Sentença?

— Devido ao meu último nome. Sou forçada a trabalhar aqui por um ano, para que seja merecedora, calculo eu. — Encolho os ombros como se o meu azedume não tivesse falado o bastante por mim.

— Hmm, não estás sozinha. Também não estou deliciado por estar de volta. — Ele é mais velho, calculo que ande pelos vinte e cinco anos, a sua presença impossível de ignorar devido à sua pinta insana, e a fragrância é igualmente tentadora — cedro e algo mais que não consigo identificar. A *vibe* que irradia é irresistível. Quanto mais postado está sob o Sol dourado, mais parece absorver. É alarmante até que ponto o simples facto de olhar para ele me está a enervar. Mas não me desanco por isso pois o seu olhar fito é igualmente desavergonhado. Esta manhã, apesar do meu sombrio humor, caprichei na toilete e congratulo-me por ter feito um esforço agora que me vejo frente a frente com Sean num vestido de verão sem costas a dar-me pelo joelho, preto com pintas brancas. Deixei o cabelo solto, que me pende escorrido sobre os ombros. Dediquei um tempinho mais às pestanas e carreguei de brilho os lábios, sobre os quais passo a língua sob o seu olhar fito, e os seus olhos descem.

— Cecelia, sim?

Assinto.

— Então, o que fazes agora?

— Porquê?

Ele passa uma mão pela sua despenteada e eriçada juba. — És nova por aqui, sim? Eu e os meus companheiros de casa temos um sítio a uns quilómetros daqui. Hoje recebemos alguns amigos, e pensei que pudesses querer vir.

— Iá, vou recusar.

Ele inclina a cabeça, divertido com a minha pronta resposta. — Porquê?

— Porque não o conheço.

— É para isso que serve o convite. — A sua boca bem pode mover-se com cordialidades, mas os seus olhos devoram-me de uma forma que não me deixa inteiramente confortável.

— A tirada de há bocado pode ter-lhe dado a impressão errada a meu respeito.

— Não faço quaisquer suposições, juro. — Levanta as palmas, onde

um ás bem marcado a tinta no pulso direito se apresenta qual permanente trunfo na sua manga.

Engenhoso.

Ele pisca o olho, e dá-me a sensação de um beijo na bochecha. Tudo o que tenho à minha espera em casa é um livro e a piscina. E tenho a sensação de que é o que farei durante a maior parte do verão. Avalio-o cuidadosamente e estendo a mão.

— Deixe-me ver a sua carta de condução.

Com uma espessa sobrancelha levantada, ele saca da carteira e passa-me a carta. Pego-lhe e miro-a e a ele quando um cigarro aparece, pendendo-lhe dos lábios até que acende um *Zippo* de titânio negro, e eu deslizo a minha atenção de volta para a carta.

— Está ciente de que é o último fumador, sim?

— Alguém tem de manter os maus hábitos do meu velho — diz ele numa exalação.

— Alfred Sean Roberts, vinte e cinco anos, e Virgem. — Tiro uma fotografia da sua carta e mando uma mensagem para Christy.

Se acabar morta, foi este tipo.

A resposta borbulha de imediato, e sei que ela está a ficar louca. A fotografia dá pouco crédito ao original. A sua pinta é destoante e parece deslocada aqui.

— A lançar uma rede de segurança? — pergunta, percebendo o meu gesto.

— Exatamente. — Estendo-lhe a carta de volta. — Se não voltar para casa, você é o suspeito número um.

Ele parece matutar na minha declaração. — *Costumas ir* para a borga?

— Em que sentido?

— Em todos os sentidos.

— Não muito, não.

Ele olha para mim com tal… intensidade, uma hesitação nova na sua postura, como que pesando se retirar ou não o convite. Apesar de ficar ligeiramente ofendida, decido facilitar-lhe a coisa. — Imagino que seja um fator decisivo? Não se preocupe, vemo-nos por aí…

— Não é isso, apenas… — Leva a mão à nuca. — Jesus, estou a lixar isto tudo. São apenas os gajos, eles hão de, bem, eles são…

— Já fui muitas vezes para a borga, Sean. Não sou Capuchinho Vermelho nenhuma.

Isto merece-me um sorriso rasgado ao mesmo tempo que pisa o cigarro

com uma bota tisnada manchada de sebo. — Boa, pois não queremos que o lobo sinta o cheiro.

— Onde é que me leva exatamente?

Ele lampeja um sorriso ofuscante que dá a sensação de um morcego no peito.

— Eu disse-te, o meu sítio.

Deveria ter cautela, especialmente com a sua hesitação, mas estou curiosa mais que tudo. — Eu sigo-o.

Encostamos junto de uma casa de dois pisos, a única num minúsculo beco sem saída. As restantes casas da rua suficientemente afastadas para proporcionar uma boa privacidade. Muito longe das casas quase coladas do bairro em que cresci. Saio do meu *Camry* e vou ter com Sean ao seu carro, um velho clássico que me debati para acompanhar no caminho. É vermelho-bombeiro, parece acabado de polir, e diz com ele na perfeição. Os restantes veículos estacionados no círculo e ladeando a rua são carros da mesma natureza, na sua maioria clássicos, metal lustroso com poderosos motores — isso ou enormes carrinhas de caixa aberta que requerem algum esforço para lhes trepar para cima.

— Lindo — digo-lhe quando sai e fecha a porta, os olhos escondidos por um par de óculos escuros ao estilo *Vegas Elvis*. Óculos que pareceriam ridículos em qualquer outra pessoa mas funcionam naturalmente nele. Desviando rapidamente o olhar, passo os dedos pela lustrosa carroçaria do carro. — O que é?

— Um *Nova SS* de 69.

— Adoro.

Um lampejo de dentes. — Eu também. Anda daí.

Levanto os olhos para o caminho de entrada, e é fácil de ver que a casa tom de bronze é adequada a solteiros. Nada de especial, o relvado suficientemente tratado para ter um ar limpo, mas a que falta um toque pessoal. Está um grupo de pessoas amontoadas no alpendre, umas quantas cabeças já viradas para nós.

Uma pontada de ansiedade social faz-me ficar para trás relativamente a Sean que me antecede de alguns passos. Quando ele sente que eu não estou ao seu lado, vira-se para trás, e eu finco o pulso no braço pendente no meu flanco. — Quem é que vive aqui?

— Eu e outros dois, são como meus irmãos, e ambos mordem.

— Isso é tranquilizador.

Ele puxa o cabelo platinado para trás e olha-me ceticamente. — Talvez devêssemos ir a outro lado qualquer.

— Deveríamos?

Sean dá os poucos passos na minha direção, a sua voz uniforme quando fala.

— Olha, admito que lá na fábrica te achei um pouco mais buldogue que cachorrinho.

Lanço-lhe um olhar mortífero.

Ele aponta para a minha expressão, um novo sorriso rasgado no lugar. — Vês, *isso* agora, essa cara de megera aí, é o que te manterá viva nesta casa. Achas que consegues mantê-la enquanto aqui estás?

— Não percebo. Não são teus amigos?

Ele ergue uma mão firme entre nós antes de me arredar uma madeixa de cabelo para trás do ombro. Não me esquivo ao seu toque. — Se te tivesses encolhido, levava-te a outro lado qualquer, tu consegues. Simplesmente não acates porcaria nenhuma tal como não acataste de mim no trabalho e estarás fina.

Pega-me na mão e passamos através da multidão no alpendre, estacando à porta. — Quem é esta? — A voz vem do baloiço do alpendre, da boca de um tipo enrolado com uma rapariga que me olha com o mesmo interesse. Posso praticamente ver o «não alinhamos bem com estranhos por aqui» em ambas as suas expressões.

— Ela acabou de entrar na fábrica. Cecelia, este é o James, e a sua miúda Heather — espeta o queixo para os outros agrupados junto à cerca do alpendre que me escrutinam bebericando as suas cervejas —, Russell, Peter, Jeremy, Tyler. — Todos me brindam com um erguer de queixo enquanto uma estranha sensação me sobe pela espinha acima, e não é uma sensação má. Se tanto, um pouco a sensação de déjà-vu. Tyler sustenta-me o olhar por mais tempo após a nossa apresentação, e não posso deixar de reparar na ponta de asa sob a manga da sua *t-shirt* quando ele levanta a cerveja. Os nossos olhares mantêm-se pregados um no outro até eu ser conduzida para dentro de casa.

Apesar da minha hesitação em vir, sinto-me mais confortável aqui do que me sinto após uma noite em casa do meu pai, e uso isso como combustível para cada passo. Uma vez lá dentro, varro a casa sem mácula. As paredes parecem pintadas de fresco, e a mobília nova. A sala de estar encontra-se vazia de gente, salvo o sofá de dois lugares onde um casal fala

animadamente, o tipo lançando-me uma olhadela antes de assentir para Sean que me conduz através de uma porta envidraçada de correr. É quando saio para o pátio que os arrepios aumentam, e os cabelos se me põem em pé na nuca em estado de alerta. Sinto-me em exposição, o que não está longe da verdade pois o pátio das traseiras está a fervilhar de gente, evolando-se fumo de um churrasco próximo, e das bocas de uns quantos junto à vedação que circunda o pátio. À nossa esquerda encontra-se uma comprida mesa de jardim cheia de gente a beber *shots* e a jogar às cartas. A reunião não parece ficar muito aquém de uma festa a sério. Sean conduz-me para o meio do pátio onde se encontram fiadas de geleiras completamente abastecidas de cervejas junto a um banco de piquenique.

— Belo retiro.

— Obrigado, estamos a tratar disso. Cerveja?

— Eu… — Calo-me, decidida a tentar encaixar apesar de destoar como um inexperiente peixe fora de água. Da última vez que bebi, não acabou bem. — Iá, bebo uma.

Ele abre uma sidra. — Acho que isto é cerveja de miúdas. — Dou um gole e depois outro, gostando do sabor. Os lábios de Sean erguem-se num sorriso tórrido. — Gostas?

— É bem bom.

— Acho que devia ter-te perguntado a idade.

— Idade suficiente para votar, mas não para beber legalmente.

Ele deixa cair a cabeça.

— Não assim *tão* nova. Faço dezanove daqui a umas semanas.

— Merda. — Dá-me uma mirada. — Julguei que eu é que ia ser um sarilho para *ti*.

Bato a dobrar com as sobrancelhas. — Sou ardilosa a esse ponto.

— És um sarilho — diz ele, os seus olhos buscando os meus. — Dá para ver.

— Sou inofensiva.

— Não, és mais. — Abana lentamente a cabeça. — Muito mais. — Tira uma cerveja da geleira e faz saltar a carica, não despregando os olhos de mim. — Fome?

— Esfomeada — digo honestamente, o estômago roncando-me ao cheiro que enche o pátio.

— Não deve tardar. — Um dos tipos que jogam às cartas no alpendre acena para ele, os seus olhos curiosos fixados em mim. — Ficas bem aqui por um segundo?

— Estou bem.

— Já volto. — Afasta-se majestosamente, e eu desfiro os olhos para o seu rabo. Um riso feminino soa atrás de mim e eu viro-me quando ela se aproxima. É linda, com longo cabelo louro, olhos azul-bebé, e, na minha opinião, o físico perfeito. Pequena com curvas delicadas. O meu último surto de crescimento faz com que me eleve bem acima dela no meu metro e setenta e cinco. Tenho os olhos azuis e cabelo castanho-arruivado do meu pai, e cá me arranjo com a constituição ligeiramente desproporcionada que herdei da minha mãe. O que me falta na copa B do peito é compensado com um traseiro duplo D.

Ela abre-se num sorriso. — Não te censuro, podias fazer saltar uma moeda naquele rabo.

— Fui assim tão óbvia?

— Um bocadinho. — Tira uma sidra da geleira, gira a tampa e dá um gole. — Mas nós *todas* arregalamos os olhos para aquele rabo. Sou a Layla.

— Cecelia.

— Então, como é que conheces o Sean?

— Não conheço. Encontrei-me com ele na orientação hoje.

Ela franze o nariz. — Trabalhas na fábrica?

— Começo o primeiro turno amanhã. Só cheguei ontem.

— Eu só lá trabalhei uns quantos anos depois do secundário, e não aguentei. Quase toda a gente aqui trabalha lá ou já trabalhou a determinada altura. Mas o dono é um cretino. Vive num castelo algures nas redondezas. — Vira-se para mim. — Percebo que os locais trabalhem lá, mas porque haverias *tu* de arranjar um emprego ali?

— Sou a filha do cretino.

Ela inclina a cabeça de lado, os seus olhos azul-claros arregalando-se ligeiramente antes de dardejarem para trás de mim na direção que Sean tomou. — Estás a brincar?

— Não, e acredita em mim, estou apavorada.

— Já gosto de ti. — Bebe outro gole de sidra e olha de relance à volta do pátio. — A mesma merda, dia diferente.

— Eles fazem isto frequentemente?

— Oh, iá… — Dá aos dedos como se o assunto não fosse digno de conversa. — Então de onde vens tu?

— Peachtree City, mesmo à beira de Atlanta.

— Porque haverias de querer mudar-te para aqui?

Encolho os ombros. — Pais solteiros, e passaram o testemunho este ano.

— Que treta.

— Pois é.

Ela olha para lá de mim, erguendo o queixo para o mesmo tipo que chamou Sean do alpendre, desta vez, só com olhos para ela. Nada tem da aparência de Sean, mas há algo nele que chama a atenção, especialmente a dela. Ela lança-lhe um grande sorriso de reconhecimento e vira-se para mim. — Não se pode deixar o nosso homem muito tempo, nem mesmo com os seus amigos. Bem, um homem que não possa passar sem nós. E o meu homem não gosta que eu divida a minha atenção. — Revira os olhos ao mesmo tempo que o maxilar lhe tremula de impaciência. — Tens namorado lá em casa?

— Não.

Os olhos dela mantêm-se pregados nos dele e trocam um olhar que exibe posse mútua antes de ela se virar para mim.

— Bem, esperemos que encontres alguma coisa em Triple que te mantenha entretida.

— Talvez. — Ergo a minha garrafa para um gole de sidra e dou com ela vazia. Ela tira uma para cada uma de nós da geleira, e passa-ma. — É bom que vá para lá. Junta-te a nós se quiseres.

— Obrigada, vou esperar aqui pelo Sean. Foi bom conhecer-te.

— Vemo-nos por aí, Cecelia.

Afasta-se, desenvolta, recolhendo-se no colo do seu homem e enrolando-se nele enquanto ele joga a sua cartada. Ele acaricia-lhe a coxa subtil mas possessivamente com o polegar enquanto ela lhe sussurra ao ouvido. Desvio rapidamente os olhos, um pouco invejosa. Já se passou algum tempo desde que tive um namorado firme, e por vezes sinto falta do ritual.

Quanto mais olho à minha volta, mais reconheço esta gente como família. Pareço ser a única forasteira aqui, o que parto do princípio ser a razão dos olhares furtivos que me são dirigidos de todos os lados. Não sendo do género de me entrosar, dou comigo a sentir a falta de Sean, que se foi embora há ao que parece uma eternidade e eu fiquei plantada no meio do pátio, qual peixe fora de água. Soa música através de uma janela aberta no segundo piso da casa quando me dirijo para a vedação, dando para uma vista parcial da montanha. Bem posso ter-me mudado dos subúrbios de Atlanta para as montanhas no cu de Judas, mas até eu consigo apreciar o espetacular cenário.

Costumas ir para a borga?

Não. Embora tenha ido a algumas festas no secundário, sempre optei por sair cedo. Estou plenamente ciente do protocolo e comportamento necessário para me enturmar neste tipo de encontros, mas nunca adquiri realmente o à-vontade de Christy, que jamais conheceu um estranho. Christy é sempre o meu para-choques, e dou comigo a desejar que ela aqui estivesse. Nunca fui do género de dançar em cima de uma mesa depois de emborcar demasiados *shots* ou ceder a um engate de acaso. O meu registo chia de limpo nesse sentido. Sempre fui mais introvertida, observadora, testemunhando o que se passa e demasiado temerosa de cometer quaisquer erros e perder a face.

Em retrospetiva, quem me dera ter dado uns quantos bons passos em falso e sido um bocadinho mais corajosa. Mas, há umas semanas, subi ao palco para receber o meu chocho diploma e fui a «como se chama ela?» na fila de trás de algumas fotografias de anuário. Ocorre-me agora, aqui entre estranhos, que posso ser qualquer pessoa. À parte a leitura fácil que Sean fez de mim durante o nosso primeiro encontro, ninguém me conhece. Christy tem razão em muitos aspetos quanto ao meu papel na relação com a minha mãe. Há anos que me implora para me soltar. Talvez não seja demasiado tarde para cometer essas bacoradas dignas de nota, tornar-me mais uma miúda «do momento», e menos flor de estufa.

Com os desejos mais na intenção que na execução, empoleiro-me contra a vedação e já vou a meio da segunda sidra, perdida na vista das verdejantes montanhas, quando pressinto que não estou só.

— O Sean já te abandonou? — ressoa uma voz ao meu lado. Viro-me e dou com Tyler postado a uns passos, os braços cruzados sobre a vedação, a expressão e os olhos castanhos calorosos.

— Iá. — Aceno com a garrafa. — Sem queixas. Sou fã de quem quer que esteja a fazer de DJ, e tenho bebida e boa vista. Tyler, sim?

O seu rasgado sorriso em resposta revela uma covinha. — Sim.

— Trabalhas na fábrica, também?

— Não. Trabalho na garagem por agora, acabei de chegar de Greensboro, tive um emprego lá durante os últimos quatro anos da minha reserva.

— A sério?

Ele passa as mãos pelo cabelo cortado rente. — A sério.

— Que ramo?

— Fuzileiros.

— Gostaste?

Ele abre-se num sorrisinho. — Não o bastante para fazer carreira. Quatro anos no ativo, outros quatro anos de prontidão, mas acho que o considero tempo bem empregue.

— Bem-vindo de volta, fuzileiro. Obrigada pelo teu serviço.

— Muitíssimo obrigado.

Brindamos com as garrafas.

— Algum daqueles carros lá fora é teu?

— Sim, o *C20* de 66 é meu.

Levanto as sobrancelhas, e ele abre-se num sorriso.

— A *pickup* verde-néon com parte de cima preta. — Destila-lhe orgulho dos lábios enquanto o avalio. É um pouco menor em estatura do que Sean, mas igualmente retalhado de músculo fisicamente. Tem uns olhos meigos, de um castanho profundo rodeado de negro, pestanas naturalmente enroladas. Claramente, não há falta de homens brasas nas montanhas. Christy ficará maravilhada. Embora divertidos, e altamente atraentes, não tenho bem a certeza de que qualquer um deles seja o meu tipo. Mas a cada golinho de sidra, sinto que começo a formar uma opinião. E até à data, ainda não encontrei um bíceps de que não gostasse. Esse pensamento — combinado com a sidra — faz-me soltar uma risada.

— Em que estavas a pensar? — Os lábios de Tyler repuxam-se nos cantos, ampliando o seu sorriso para o próximo nível.

— Simplesmente… Ontem vivia noutro lugar, e agora estou no pátio de uns estranhos.

— É de loucos onde um dia nos pode levar, hã?

— Exatamente.

— Isso não é nada invulgar por estas bandas, acredita — diz ele, acercando-se um bocadinho mais. O seu olhar predador provoca-me um arrepio ao longo do pescoço.

— O que queres dizer?

— Fica por aqui algum tempo e verás por ti mesma.

— Bem, até à data não odeio — digo com fala arrastada, sabendo que a sidra começa a falar por mim.

— É bom sabê-lo. — Encurrala-me ligeiramente contra a vedação. Não é ameaçador, mas o bastante para sentir algum do sol de verão irradiar-lhe da pele.

— Para trás, jarreta, ela mal acabou de chegar — diz Sean, insinuando-se entre nós e olhando para mim com um sobrolho erguido. — Onde está essa cara de megera?

Levanto a minha sidra para indicar onde tudo deu para o torto, sentindo-me invadida de calor quando ele ma arranca da mão. — Vamos alimentar-te.

Tyler abre-se num sorriso para mim por sobre o intrusivo ombro de Sean. — Vemo-nos por aí, Cecelia.

— Espero que sim. — Inclino a cabeça para contornar Sean, para que ele possa ver o meu sorriso em resposta.

— Eu bem sabia que eras um sarilho — exclama Sean enfaticamente, abanando a cabeça antes de me levar pela mão para uma mesa de piquenique plenamente abastecida de churrasco misto e um sem-fim de acompanhamentos. Sean e eu comemos juntos e é difícil não evitar os olhares que nos caem em cima da nossa pequena bolha, isolados da restante festa.

— Ignora-os — diz ele por entre uma garfada. — E — aponta para mim, ordenando jovialmente — cara de megera.

— Há uma razão para não estarmos a comer junto dos outros todos?

Um olhar avelã varre-me toda. — E que tal eu querer-te manter só para mim por agora?

— É isso? — Dou uma dentada para ocultar o sorriso, insegura quanto aos sinais que quero enviar. Apenas a uns centímetros de distância quando começámos a comer, os nossos joelhos já se tocam agora, inclinados que estamos um para o outro. Enquanto nos regalamos, deslizamos para uma conversa fácil e ele revela que se mudou para Triple Falls quando tinha cinco anos, e conheceu os amigos com quem vive agora. Sean, Tyler, e o outro companheiro de casa, mudaram-se para aqui há uma semana, o que depreendo ser parte da razão para esta reunião, a par das boas-vindas a Tyler. Sean tem trabalhado entre a fábrica e a garagem desde que acabou o secundário. E a sua família tem um restaurante na Rua Principal, que é o ponto de encontro de Triple Falls. Conquanto Sean fale como um livro aberto, os seus olhos albergam tanto mistério como se as palavras se opusessem aos seus pensamentos.

Uma pratada de churrasco depois, os membros pesam-me de cada olhar que trocamos. Incapaz de me fazer completamente indiferente, lanço-lhe olhares furtivos quando ele se deixa distrair por retardatários que afluem ao pátio. A festa está a ganhar pica à medida que o Sol ameaça pôr-se, e as conversas soam mais altas. Com outra sidra quase vazia na mão, estou postada no meio do pátio ao lado dele, as costas das nossas mãos roçando-se enquanto Sean tagarela com Tyler e Jeremy.

Fervilhando de antecipação, apenas meio escuto a conversa, demasiado

enlevada no «e se» a que estes toques roubados poderão levar, e pelo calor induzido pela bebida. É quando Sean propositadamente me desliza um dedo pelo rebordo da mão que sinto de novo o formigar. É uma distinta e inabalável sensação de que me estão a observar.

Já paranoica, quando estava simplesmente à vontade, olho em todas as direções à procura da fonte, vasculhando a multidão até que os meus olhos azuis colidem com uns cortantes cinzento-prata… mas não são só os olhos que me deixam especada no lugar, é a expressão predadora dentro deles.

As palavras de Sean pairam-me através da cabeça enevoada. «*Não queremos que o lobo sinta o cheiro.*»

Tenho a sensação de que foi o dito lobo que me farejou e me observa a uns passos de distância.

A festa fervilha em redor dele enquanto nos fitamos e ele se torna plenamente visível. É a terceira vez hoje que sinto um golpe de atração, e quedo-me assombrada pela sua intensidade.

Não consigo ainda abstrair-me do seu olhar intenso enquanto ele me avalia como se estivesse a ponderar o próximo movimento.

E no segundo seguinte, lá vem ele direito a mim.

Merda Merda.

Levanto o queixo, à medida que ele atravessa o pátio, uma névoa escura envolta em beleza masculina. Mesmo acima de um proeminente bico de viúva, jazem longas ondas de um espesso e farto cabelo negro-ónix, igualmente escuras sobrancelhas acima de olhos de prata repletos de auspiciosa intenção. Entre os malares elevados, um nariz esguio e… a boca.

Parecendo saído da passarela, está vestido de preto desde a *t-shirt* às botas da tropa sem atacadores, as abas tombando frouxas, tal como a minha língua, à medida que ele se aproxima.

O meu corpo enche-se de adrenalina, e debato-me para não desviar o olhar mas levanto mais o queixo em desafio à muda ameaça nos seus olhos. Mas cara alguma de megera que eu pudesse congregar me poderia jamais salvar da dominadora bravata deste homem e do gelo que lhe emana do olhar.

— Merda — oiço Sean resmungar baixinho quando ele finalmente nos alcança. — Já te disse que ela está comigo, irmão.

Os olhos que me arrebatam a alma desviam-se dos meus, libertando-me da sua prisão antes de falar, a sua voz profunda e plena de autoridade. — Ela é uma porra de uma bebé, filha do teu patrão, e já bebeu mais que a sua conta. Pelo menos aqui. — Vira-se para mim. — Tempo de te pores a andar.

Franzo o sobrolho. — Não sejas um merdolas.

Repito mentalmente as palavras. *Iup. Foi isso que eu disse.*

Juro que lhe vejo um tremular de lábios antes de ladrar para Sean. — Ela vai-se embora.

— Calma, homem. Cecelia, este é o Dominic.

— Dominic — digo eu, por demais siderada.

Jesus, Cecelia, os adolescentes têm mais lábia.

— O meu irmão cometeu um erro de julgamento trazendo-te aqui. Tens de te ir embora.

— Vocês são irmãos? — Não podiam ser mais diferentes fisicamente.

— Não exatamente — corrige Sean à minha esquerda.

— Vais mesmo pôr-me a andar? — pergunto a Dominic, ainda acometida do abalo que senti naqueles segundos. Talvez seja da sidra, mas as palmas das mãos ainda me formigam da interação.

— És, ou não és, a filha de *dezoito anos* de Roman Horner? — Os seus lábios recurvam-se em torno das palavras com expressão enojada, um ténue sotaque velando cada uma delas. O número de espectadores cresce, e eu engulo audivelmente em seco quando o ar à nossa volta se torna carregado de tensão.

— Tenho a certeza de que não sou a primeira rapariga menor a beber numa das vossas festas — respingo, sentindo os olhares de toda a gente em cima de mim. Ele poderia ter puxado Sean de lado e dito para se livrar de mim, mas em vez disso decidiu embaraçar-me abertamente. — E já faço dezanove daqui a duas semanas — acrescento no mais débil dos argumentos.

A expressão de Dominic transforma-se numa de tédio.

— Ofendi-te de alguma maneira, e seja como for, que idades tens *tu*? — pergunto enquanto ele lança a Sean um olhar fulminante ao mesmo tempo que uma qualquer comunicação muda passa entre ambos.

— Porquê? — O seu olhar desvia-se, cortante, para mim. — Para que a possas anotar no teu diário polvilhado de borboletas e diamantes? — Oiço o eco de uma risada à minha volta e sinto as faces a arder.

Jesus, Cecelia, para de falar.

— Deixa-a ficar, Dom — exclama Layla do pátio. — Ela não está a chatear ninguém.

Os olhos dele vasculham-me da cabeça aos pés antes de espetar o queixo numa ordem silenciosa.

— Dom, vá l… — fala Sean ao meu lado, e eu levanto a mão.

— Pronto, eu vou. — Fulmino Dominic com o olhar, mudando o meu

peso de um pé para o outro, completamente humilhada. Isto agrada-lhe, e vejo o meu cobarde reflexo espelhado nos seus frios olhos de aço.

Ele vira-se para desandar, e eu detenho-o, a minha mão no seu antebraço enquanto emborco o resto da sidra antes de lhe deixar cair a garrafa vazia aos pés.

— *Uups* — digo na minha melhor imitação de loura com os copos.

Cerrando os dentes, como se o meu toque fosse escaldante, os seus olhos deslizam lentamente para os meus, as suas sobrancelhas negras recortadas numa expressão «que porra?».

— Sabes, podias dizer que foi um prazer conhecer-me. Estás a pôr-me a andar da tua festa. É o que manda a cortesia.

— Nunca fui acusado de ser cortês.

— Não é uma acusação — atiro eu, e Sean pragueja e tenta arrastar-me. — É simples decência, seu cabotino. — Claramente, a sidra dá-me um sotaque de pirata britânico embriagado quando bebo mais que a conta, ou tenho andado a ver BBC a mais. Solto uma risada com um assomo de excitação quando Sean me arrebata num resgate de bombeiro.

— E que lindo cabotino tu és — digo com fala arrastada.

Soa uma gargalhada geral quando os lábios cheios de Dominic tremulam num arremedo de sorriso, e eu debato-me com Sean para que me poise no chão. — Eu sou um sarilho, sabes? — espicaço, ao mesmo tempo que uma vaia soa à minha esquerda. — Pergunta só ao teu *irmão.* — O peito de Sean ressalta contra a minha coxa enquanto sou carregada através da sala de estar e da porta para fora.

Uma vez levada para o caminho de entrada, põe-me no chão, um sorriso apologético já no lugar enquanto olha de relance por sobre o ombro.

— Qual diabo é o problema dele?

— Eu preveni-te — diz Sean com um sorriso rasgado. — Ele é logo dentada, sem ladrar a avisar.

— Não tinha de me embaraçar.

— Ele excita-se logo, tenho de admitir, correu bem melhor do que eu esperava.

— Eu acho que foi uma boa merdice — digo em fala arrastada, constatando até que ponto a sidra me bateu forte.

Ele franze o cenho, estudando-me cuidadosamente. — Vou levar-te a casa, *okay*? Amanhã de manhã apanho-te para vires buscar o teu carro.

— Tudo bem — bufo quando ele abre a porta para mim. Sentando-me no seu carro, cruzo os braços, furiosa. — Sinto-me como se tivesse acabado

de ser colocada em espera. — Viro-me para ele. — Não sou uma pessoa conflituosa, de todo. Desculpa, não sei o que me deu.

— O Dominic era capaz de acirrar as garras de uma freira.

— Não me digas.

Sean solta uma risadinha, fechando a pesada porta antes de olhar para mim com simpatia.

Afundo-me no assento. — É o meu pai, não é?

Ele anui. — Ele emprega metade das pessoas naquela festa.

— Ele não tem nada que ver com o dia a dia da fábrica.

— Ele tem um longo alcance.

— Iá, bem, faço questão de não lhe contar uma maldita coisa. Podes confiar em mim. E sou adulta.

Ele dá-me uma palmadinha no lábio que me tinha apercebido de espetar para fora. — És adorável como o caraças. E linda. Mas sejamos honestos, um tudo-nada jovem e boa menina para te dares com cretinos como nós.

— Já fui a uma data de festas. Só que nunca participo realmente. E *gosto* de vocês cretinos. Apenas não *daquele cabotino.*

— Estás certa disso?

— Não sou fã. — Não é inteiramente verdade, apreciei-o como o diabo até ele abrir a boca.

— Não?

Abano lentamente a cabeça enquanto ele me arreda o cabelo do ombro. O efeito de Sean em mim é potente, e sinto-me impelida a entregar-me ao seu toque com os seus olhos postos em mim. Sei que tenho a guarda em baixo devido à bebida, mas não posso culpar o álcool de tudo. Ele é desarmante, e a atração está definitivamente lá.

— Então levas comigo — diz, baixando a voz ao mesmo tempo que me aninha o maxilar na mão e me roça o polegar ao de leve pela pequena reentrância do queixo.

— Por mim tudo bem. — Quando ele retira lentamente a mão, sinto a perda do seu calor e afadigo-me a apertar o cinto de segurança, de cabeça à roda com o rumo dos acontecimentos. — Obrigada por hoje. Diverti-me.

Ele liga o motor, e a sensação da vibração contra as minhas pernas nuas acende um fogo dentro de mim. Sean percebe a minha excitação.

— Assim tanto?

— Sim, caramba. — Balanço a cabeça. — Nunca estive num assim.

Ele avalia-me, a atmosfera no carro pondo-se densa.

— Diz-me, o que estavas a pensar ainda agora? — pergunto, roubando

a pergunta que Tyler me fizera antes, a minha voz um bocadinho rouca da inalação de tanto fumo e da extasiada atenção deste deus do sol.

— Noutra altura.

Ele arranca a abrir do caminho de entrada e eu solto um risinho no meu assento — a viagem para casa tão alucinante como as últimas horas. Janelas abertas, o vento açoita-me o cabelo em torno do rosto enquanto Sean acelera pelas estradas desertas que conduzem ao palácio do meu pai. Uma batida grave ressoa no habitáculo, velho *rock* sulista flutuando dos altifalantes para o exterior. Espeto a cabeça para fora da janela e deixo o vento bater-me na cara, o peito borbulhando-me de possibilidades enquanto lanço um olhar furtivo a Sean e vejo um brilho promissor nos seus olhos com um sorriso subtil a agraciar-lhe os lábios.

É o começo de um fantástico verão.